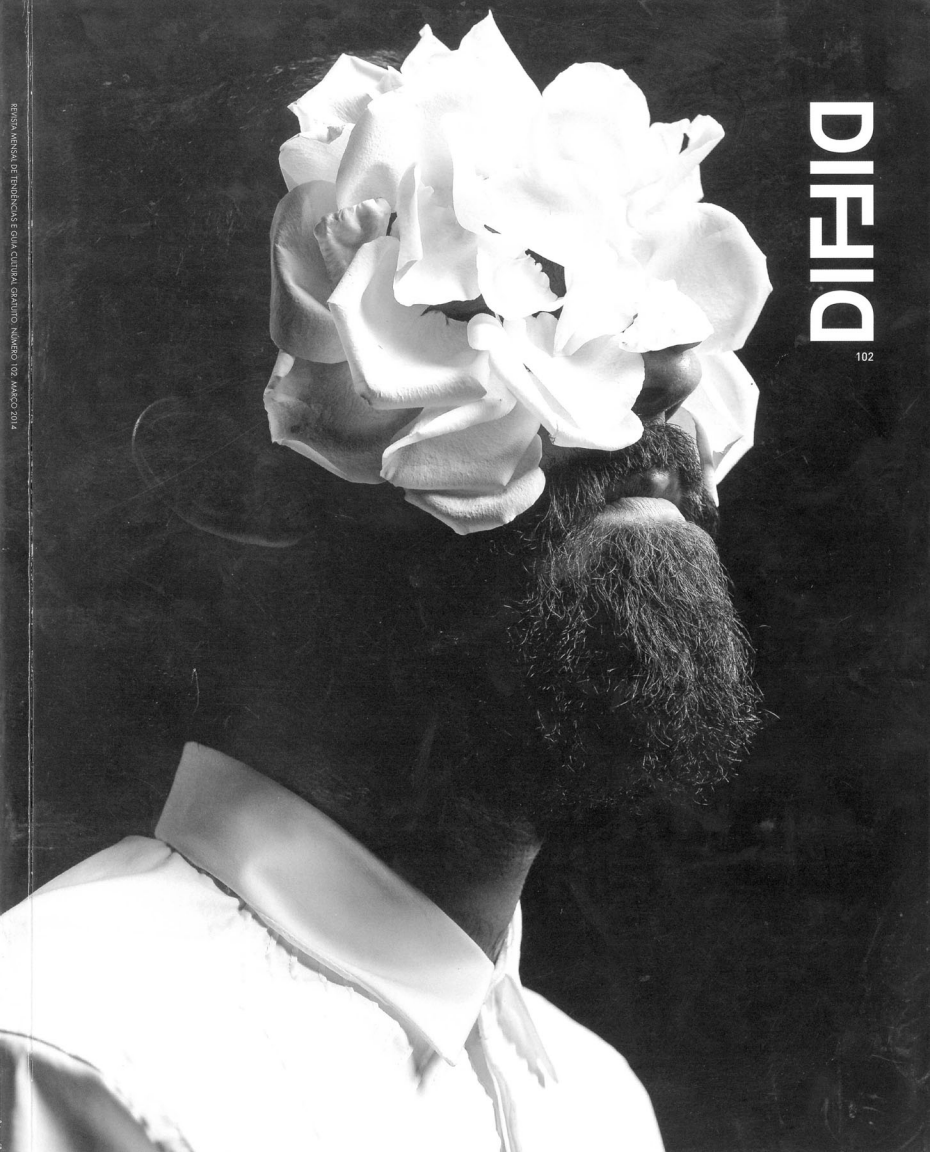


DIFID

102



JOANA ASTOLFI

“INTERESSA-ME RECONTAR O PASSADO ATRAVÉS DA MINHA HISTÓRIA”



foi com grande entusiasmo que Joana Astolfi nos falou sobre o seu trabalho. É apaixonada por peças e objectos que coleciona e transforma em arte, envolve-as com requintes de ironia e dá-lhes uma nova identidade. No fundo está sempre a procura de mundos pequeninos dentro de maiores ou caixas de madeira.

Cruza a arquitectura com a arte e com o design e já transformou uma série de espaços, como por exemplo o interior e exterior do Park, o bar sensação da noite Lisboa situado no último piso do parque de estacionamento da Calçada do Combro. Ainda no ano passado reventou o interior de 15 lojas em Viseu onde fez instalações que celebraram o tema de cada uma delas. O póde de tudo foi o meio que os lojistas sentiram em mudar, o que lhe dificultou um pouco o trabalho.

Joana é assim, uma artista que transpara uma intensidade de ideias. Elas surgem e há que lhes dar forma. Certo dia estava a andar na praia e lembrou-se: porque não criar uma headphones em que apenas se ouve o mar? Junto dos fuztos, ligou-os e assim nasceram os Sibelli. Já estão à venda em 20 países.

Os anos da crise estão a ser os melhores para a artista. Teve sempre trabalho e o ano de 2014 será melhor ainda. Para já tem em mãos o projecto Village Underground tem destaque na DIF 1000, um espaço em Alcântara onde contentores e autocarros desactivados estão a ser transformados em escritórios para agentes criativos. Inaugura em Março e para este projecto Joana vai transformar um autocarro num café. Em seguida viaja para Londres para dar vida ao espaço “I Love Nata”, uma pastelaria no Soho. Em Maio um novo desafio: a mostra da Hermès, um grande projecto para o qual terá que criar oito vitrinas tendo como base o tema metamorfose.

Cruza a arquitectura com a arte e com o design. Foi a arquitectura que se deu as bases para a tua forma de arte?

Sem dúvida. A minha história começa na arte porque desenho desde pequena. O meu pai é arquiteto e passei muito tempo com ele no atelier. Adorava fazer maquetes e brincar com escalas. Quando chegou a altura de dar um rumo à minha vida, em conversa com o meu pai, ele aconselhou-me a ir para arquitectura pois iria dar-me uma base sólida para a minha arte. Foi para Inglaterra, formei-me em arquitectura e comecei logo a sentir que a reabilitação de espaços era um caminho que queria seguir.

Como começaste a fazer as tuas intervenções?

Em 2000 numa casa em Cascais. Depois fiz design de exposições, como por exemplo os 100 anos da CUF no Barreiro, em que intervi no museu industrial com uma área de 3000 m². Entretanto surgiu a loja dos Storytellers e a partir daí comecei a sentir que o que queria mesmo era reinterpretar coisas. Não me interessa a folha branca e partir do zero, não é a minha linguagem. Um espaço tem que ser um happening, tem que ficar gravado pela memória visual e sensorial. Interessa-me ir buscar a história do passado e recontá-la a partir da minha história.

Na tua última exposição na Galeria Bloco 103 mostraste a tua peça “The Sweetest Smile of Mona Lisa”, na qual colocaste uma série de abelhas em torno da boca deste ícone. Como te surgiu esta ideia?

O tema da exposição era “Small Things to Collect” e eu tinha esse pequeno quadro da “Mona Lisa” na minha casa de banho há sete anos à espera que me surgisse uma ideia brilhante. Tinha chegado a altura. O que mais me atrai nesta obra é o sorriso e foi a partir dele que comecei a trabalhar. Queria um sorriso doce. Fiz uma caixa com uma gaveta e com a imagem da “Mona Lisa” no centro. Liguei para uma colaboradora minha a quem recorro sempre que preciso de miniaturas e pedi-lhe 50 abelhas. Coloquei franginhas com mel dentro das gavetas e as abelhas à volta do sorriso da figura como se o estivessem a trabalhar. Daí o sorriso doce. A peça já foi vendida.

Neste teu universo artístico, nas caixas que concebes como se fossem recâmbulos podemos encontrar referências aos ready mades de Duchamp?

Sim. Duchamp foi um catalizador do meu trabalho e da minha linguagem, mas hoje em dia não penso em Duchamp, embora esteja presente. Ele tem tudo o que eu sempre procurei transmitir com as minhas peças, o humor e o observar o objecto de uma outra forma.

Todas as tuas peças têm um lado muito voyeurista. É sempre necessário espriar por algum orifício para descortinar algo mais pois há sempre porrenores que não se vêem no imediato.

Sim, eu gosto de deixar espaço para que a pessoa tenha o seu momento íntimo com a peça. Gosto também de deixar que o público seja voyeur. Enfatiza o lado da viagem na peça, da narrativa e da história.